

## Prefácio

A vida universitária como objetivo de pesquisa e o *campus* universitário como etnopaisagem

Naomar de Almeida filho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALMEIDA SAMPAIO, N. Prefácio – A vida universitária como objetivo de pesquisa e o *campus* universitário como etnopaisagem. In: SAMPAIO, SMR., org. *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 7-12. ISBN 978-85-232-1211-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## *Prefácio*

# A VIDA UNIVERSITÁRIA COMO OBJETO DE PESQUISA E O CAMPUS UNIVERSITÁRIO COMO ETNOPAISAGEM



NAOMAR DE ALMEIDA FILHO

Fascinante esta ideia do Observatório da Vida Estudantil (OVE). Traz a marca de uma inovação metodológica no plano acadêmico e demonstra compromisso com a transformação por que passa a universidade brasileira, neste momento em que nos dão asas.

A consolidação de empreendimento institucional tão importante e criativo como este Observatório se revela na produção acadêmica de evidente qualidade científica, apesar de precoce, compilada neste livro. À guisa de introdução a esta rica coletânea de ensaios e relatórios de pesquisa, Sônia Maria Rocha Sampaio, Coordenadora do OVE, articula reflexões, evidências, análises e interpretações em torno de questões pontuais conformadoras de uma cena complexa de produção de conhecimento, compreendida a partir de uma abordagem etnometodológica tributária da matriz teórica do interacionismo simbólico.

Nos capítulos iniciais deste volume, chama a atenção a categoria 'origem popular', utilizada como conceito de diferenciação social capaz

de integrar as desigualdades econômicas, sociais e políticas do conceito clássico de classe e os aspectos imateriais e simbólicos dos diversos usos da noção de ‘pobreza’. Ana Maria Freitas Teixeira, pesquisadora da Universidade Federal de Sergipe, utiliza a metáfora de uma longa travessia para descrever e qualificar o itinerário entre a escola pública e a universidade, cumprido por jovens pobres, em busca de mobilidade social pela educação superior. Ava da Silva Carneiro, mestre em Psicologia POSP-SI/UFBA, analisa a adaptação à educação superior dos estudantes de origem popular, construindo afirmação vivencial nos processos de afiliação institucional. Fábio Nieto Lopez, também mestre em Psicologia, traz uma discussão geral sobre a ideia de migração de um interior ao outro, do interior territorial ao interior institucional, focalizando em paralelo algumas implicações temporais das travessias heteroambientais. Matheus Batalha Moreira Nery, doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (POSPSI/UFBA), aborda a chegada de estudantes de origem popular à universidade, resultado da travessia (metafórica, como vimos), identificando no perfil social e cultural da comunidade discente (transformado pelas Ações Afirmativas) um novo universitário.

Os capítulos que formam o corpo intermediário do volume abordam questões da subjetividade e do cotidiano construídas na experiência de passagem pela universidade, valorizando marcos pontuais do ambiente institucional concreto, dentro de um referencial teórico da cotidianidade. Fábio Nieto Lopez, Sônia Maria Rocha Sampaio e uma equipe de bolsistas de Iniciação Científica da UFBA, analisam efeitos simbólicos provocados pela interdição temporária de um espaço de aprendizagem, o Pavilhão Raul Seixas do *Campus* São Lázaro. Ana Maria de Oliveira Urpia, também doutoranda do POSPSI UFBA, traça um paralelo entre a experiência da maternidade e a exposição ao novo ambiente, analisa a formação na universidade como transição para a vida adulta e contempla o fenômeno de uma adolescência cada vez mais tardia nas sociedades ocidentais contemporâneas. Rita de Cássia Nascimento Leite, docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e uma estudante de graduação abordam os vínculos afetivos e

as relações amorosas surgidas e cultivadas durante a vida universitária, ressaltando suas ambiguidades e contradições. Finalmente, novamente Sônia Maria Rocha Sampaio (agora com um grupo de ex-alunos de graduação do Instituto de Psicologia da UFBA) observa a constituição de iniciativas de participação da juventude na política estudantil, como parte importante da experiência de vida universitária.

A parte final, mas não conclusiva, deste volume alinha elementos relevantes e pertinentes para definir, mas não delimitar, o espaço epistemológico e metodológico da vida universitária como campo rico, plural e diversificado de investigação científica. Josineide Vieira Alves, docente da UFRB, Letícia Silveira Vasconcelos, integrante do OVE da UFBA e estudantes do IPSI da UFBA abordam a questão das dificuldades de acessibilidade no ambiente universitário, em tese, como conjunto de obstáculos para a plena inserção na vida universitária daqueles que tiveram acesso formal à instituição, restando a esta garantir-lhes o acesso real à universidade. Djenane Brasil da Conceição e Maria Gorretti Pontes, ambas docentes da UFRB, formulam uma interessante proposta de utilizar treinamentos em habilidades sociais como complemento ao desenvolvimento de competências necessárias à formação dos alunos participantes em ações afirmativas. Opiniões e atitudes dos estudantes do Bacharelado Interdisciplinar da UFBA são estudadas por Sônia Maria Rocha Sampaio, Lélia Custódio da Silva (integrante do OVE/UFBA) e um bolsista de IC da UFBA focalizando em especial os processos de escolha de uma modalidade curricular inovadora. Finalmente, Georgina Gonçalves dos Santos, pesquisadora da UFRB em parceria com Lélia Custódio da Silva, refletem sobre o necessário duplo enfoque da evasão na educação superior como, simultaneamente, um debate social politicamente relevante e oportuno e um objeto de pesquisa merecedor de inquérito científico rigoroso e competente.

O posfácio de Alain Coulon demonstra a pluralidade e riqueza de ângulos e vertentes com que educadores, cientistas políticos, sociólogos, antropólogos, estudiosos da gestão e outros *scholars* podem (e assim o têm feito) abordar o tema da vida estudantil na Universidade.

Apesar desse empenho, longe nos encontramos de superar o potencial criativo da realidade observada. Muitas e diversas maneiras, formatos e estratégias de superação das vicissitudes da vida estudantil encontram-se em gestação e em produção; serão certamente identificadas e estudadas no processo de aproximação ao conjunto temático de questões. De fato, é preciso reconhecer que a principal instituição contemporânea do conhecimento e da cultura que, há quase um milênio, ganhou o nome de Universidade, define-se justamente por suas múltiplas facetas. Por este motivo, Clark Kerr (2005) chegou a propor mudar seu designativo para multiversidade.

Não obstante tanta diversidade, ressalta o caráter de transição na formação dos sujeitos desempenhado pela educação superior (ALEXANDER, 2002) e o papel de iniciação na cultura ocidental contemporânea propiciado pela vida universitária (COULON, 2008). Deixem-me tomar um exemplo ilustrativo dessa diferenciação. Trata-se das etapas ou modos de escolaridade: primeiro, no nível inicial de educação, tipicamente os alunos estão numa mesma sala, com um mesmo professor. O tradicional tratamento de “Tia” revela a flagrante personalização de relações, com base num vínculo arcaico, tipo familiar. Na segunda etapa da formação, nos níveis escolares médios, muda o padrão de educação: os alunos ainda tendem a ter aulas na mesma sala, mas com vários professores. No que se convencionou chamar de terceiro grau, ou nível superior de educação, multiplicam-se os espaços de aprendizagem e os agentes do processo: estudantes mudam constantemente de ambiente físico, contando com vários mestres. Evidentemente, essa diversificação de padrões territoriais e relacionais se faz acompanhar por diferenciação equivalente de produção simbólica, de regras de conduta, de circulação significativa, de culturas, enfim. (WOODS, 1999)

Fazendo jus à prerrogativa da crítica no espaço acadêmico, gostaria de comentar que o termo observatório implica uma metáfora por referência a método. Pode-se fazer a distinção ou contraste entre os espaços históricos (ou míticos) da pesquisa científica: laboratório, observatório, campo. O laboratório constitui o espaço do controle da pes-

quisa científica mediante a artificialização total ou parcial do ambiente experimental, nele realizando intervenções e interferências em maior ou menor grau. O observatório é um dispositivo panóptico no sentido foucaultiano (FOUCAULT, 1996) que implica distanciamento, tendo o observatório astronômico como paradigma, além da capacidade de monitoramento ou sensoriamento global.

Nesta perspectiva, define-se campo como espaço ativo de observação, coleta de dados e produção de fatos. O campo da pesquisa, em franco contraste aos espaços anteriores da ciência, por sua vez, tem sido muito comum nas ciências ditas culturais, em especial na Antropologia. Nesse sentido, campo indica imersão, participação (oposto ao distanciamento) e completa ou parcial falta de controle (oposto ao ambiente experimental). Vêm daí os conceitos metodológicos instrumentais de trabalho de campo, diário de campo etc.

A instituição universitária tem a vida estudantil como elemento gerador de sua dinâmica política, social e simbólica, nas práticas do cotidiano. O *campus* é um campo. O campus universitário constitui um campo de pesquisa. Tem-se reavaliado o conceito clássico de campo etnográfico, referido a ambientes distantes e isolados, como as míticas comunidades “selvagens”, preferindo-se, em vez de campo, falar de “etnopaisagens” (APPADURAI, 1996). Portanto, será pertinente e epistemologicamente justificável tomar a universidade como objeto de investigação das ciências e o *campus* universitário como uma complexa e plural etnopaisagem.

Múltiplas visões para múltiplas questões ou diversas miradas para uma mesma questão fundamental? Canteiro de abordagens etnográficas das tribos universitárias? Ponto de imersão nos novos ambientes institucionais de produção de conhecimento? Lugar de monitoramento necessário e bem-vindo dos processos de afiliação e reconstrução identitária das universidades? Espaço de exploração das fronteiras do cotidiano das instituições hipercomplexas de conhecimento? Mirante privilegiado do mutante panorama cultural, social e institucional da vida em universidades? Tudo isso e muito mais. De fato, ao Observa-

tório da Vida Estudantil, diz respeito tudo o que se apresentar como digno de interesse do olhar crítico e produtivo da pesquisa social e cultural nessa peculiar invenção chamada universidade, no microcosmo da UFBA e da UFRB.

#### REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Kern. The Object of the University: Motives and Motivations. In: F. King Alexander & Fern Alexander (Eds.) *The University: International Expectations*. Montréal: McGill-Queens University Press, 2002, p. 3-21.

APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

COULON, Alain. *O ofício de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1996.

KERR, Clark. *Os usos da universidade: universidade em questão*. Brasília: UnB, 2005.

WOODS, Peter. *Investigar a Arte de Ensinar*. Porto: Porto Editora, 1999.